

Figueiredo pede ao Congresso

Brasília — O Presidente João Figueiredo pediu ao Congresso Nacional, na última mensagem que lhe enviou por ocasião da reabertura dos trabalhos legislativos, que continue a prestar ao Presidente Tancredo Neves — a quem transmitirá o cargo “de coração leve e tranquilo” — a “colaboração leal e desprendida” a que os parlamentares estão tão habituados “por dever de ofício, por espírito público, por amor ao País e à sua gente”.

“Suplico-vos proporcionar-lhe”, insistiu Figueiredo na mensagem, “condições que lhe permitam preservar o clima de conciliação e de concórdia que ora impera, e que não é incompatível com eventuais divergências ou diferenças de opinião, em questões menores ou pontos em que o compromisso, entre posições conflitantes, ocorra sem prejuízo do interesse público”.

Eis os outros trechos principais da mensagens do Presidente Figueiredo:

“Assumi o compromisso de instaurar no Brasil uma sociedade mais aberta, em todos os campos, mornente o político. Durante a longa e penosa jornada em que me coube encarar de frente, como chefe da Nação, o que já se denominou, com propriedade, o severo rosto do destino do nosso tempo, não faltei, em nenhum momento, à palavra empenhada.

A anistia política, ampla e irrestrita, não tardou, inelegibilidades se levantaram, franquias individuais e direitos civicos se devolveram a cidadãos que deles se achavam privados, o País reabriu as portas aos brasileiros que desejassem retornar à Pátria, restabeleceu-se a eleição direta para o Governo do Estado”.

“Essencial é a forma ou processo para conquista do poder. Forma, ou processo, nas atuais circunstâncias, já não se discute.

Tão ou mais importante do que a conquista do poder é o exercício deste, tal a responsabilidade que no mundo novo, o qual não acaba de criar-se, recai sobre o titular do poder.

Forçoso era que desse conta — boa conta —, como chefe do Governo, da maneira como exercei, ao longo do mandato popular que me foi conferido, os deveres do meu cargo. Tracei, no momento da investidura, as linhas que norteariam a minha atuação, cujo centro de gravidade consistiria, como consistiu, em proporcionar aos brasileiros melhor qualidade de vida”.

“A cruzada contra a pobreza esteve no centro de nossas preocupações. O êxito dessa campanha não poderia, tudo, ser completo, já porque a própria abundância cria, em toda parte, novos pobres, isto é, novos tipos de pobreza, já porque a pobreza subsistirá, enquanto não se modificar substancialmente a relação entre o volume dos bens e o vulto da população. Subsistirá ainda que, como já foi observado, a justiça social corrija os defeitos de que, com maior ou menor razão, é acusada.”

Agruras da inflação

“O combate à inflação constituiu prioridade do Governo. O flagelo inflacionário, porém, não se deixou dominar. Não porque não se conheciam processos téoricos para extirpá-lo. Não porque os fatos econômicos, como os demais fatos sociais, sejam irredutivelmente teimosos ou reacionários. Sabiam os economistas, na época dos Descobrimentos, que o corte nas despesas governamentais, conjugado com a não-emissão de dinheiro, podia estancar a inflação. O fenômeno econômico não se apresenta hoje, toda-

via, com a antiga simplicidade. Medidas simplistas, ou esquemáticas, antes sobrenas na sua eficácia, tropeçam hoje em obstáculos e inconvenientes que estão na raiz da crise da teoria econômica, que hoje nos angustia.

O Estado de hoje — Estado do bem-estar —, detentor de mais força e de mais saber, corre perigo de se tornar impotente para efetuar, na medida reclamada, as prestações resultantes da dívida social, que lhe é imposta.

A vontade dos seus políticos e o saber dos seus técnicos enfrentam problemas até há pouco desconhecidos. Atravessamos anos decisivos, eriçados de crises de toda a sorte. Crises que ameaçam a própria civilização. Crise de valores e crise, em determinados campos, da própria ciência, notadamente das ciências sociais.

Entre estas se encontra a ciência econômica, que sofre, como as outras ciências, da insegurança oriunda do grau de incerteza determinado pelo seu objeto.

A rara competência da minha equipe econômica não se cansou de abrir, ante a minha aflição, extenso leque de opções para superar as agruras da crise econômica, que, por não ser somente nossa — já que atinge, na sua impiedade, países ricos e países pobres, já que fere igualmente o Norte e o Sul —, se torna ainda mais grave, mais premente.

As propostas drásticas otorgadas à minha apreciação poderiam ter conjurado o desgaste social e político que o aumento da espiral inflacionária traz nas suas águas. Seriam medidas talvez corajosas, talvez heróicas, talvez eficazes. Porém produziriam consequências insuportavelmente dolorosas para a quase totalidade da população.

Preferi acreditar no País, na sua vitalidade econômica, no seu crescimento, na força criadora da nossa gente, a tomar o risco de submeter a sociedade brasileira a sacrifícios que poderiam comover-lhe a própria estrutura”.

Imprensa

“A liberdade, política ou não política, pode não ser remédio para todos os males. Vale, a esse respeito, o que já foi dito acerca da liberdade de imprensa. Esta, em clima de liberdade, será boa ou má. Sem liberdade, será necessariamente má.

Livre, em entraves, a imprensa, escrita, falada ou televisada — a imprensa no seu mais longo sentido —, possui, entre nós, condições ideais para exercer o seu nobre mister. Não admirar, pois, que, no atual quadro político, tenha lançado posição antes reservada, de modo principal, ao político militante, aos notáveis das organizações partidárias. O publicista político tende a sobrepor-se aos homens de partido. Voz autorizada, entre as que mais o forem, destaca o inaudito jornalístico. Observa que o sentido de responsabilidade do jornalista não fica a dever nada ao de qualquer outro intelectual; e acrescenta: ninguém quer acreditar que, em geral, a discrição dos jornalistas é maior que a das outras pessoas, e no entanto é assim. Dos bons publicistas — cumpre acentuar —, porque entre estes se infiltraram transviados, maldizentes, deformadores do real, mal-intencionados, pecadores impenitentes contra os mandamentos da religião a que se filiaram. A esmagadora maioria dos nossos publicistas — para felicidade do País — é constituída, porém, de homens autênticos e fidedignos”.

Suco de tomate e informalismo

Brasília — Um brinde com suco de tomate, a ausência de Dona Lourdes, mulher do presidente do Senado, José Fragelli (PMDB-MS), e o dilema do presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, sobre o que fazer com um copo de guaraná foram alguns dos incidentes que marcaram o coquetel que se seguiu à cerimônia de inauguração do ano legislativo. “É bom que a Nova República comece mesmo com gafes, para mostrar que estamos preocupados com problemas mais sérios”, foi a explicação do Senador Martins Filho (PMDB-RN), para deixar todo mundo à vontade.

Nem Ulysses Guimarães nem José Fragelli eram dados a preocupações com normas de ceremonial, mas desde ontem eles decidiram levar isso mais a sério. Às 9h50min da manhã, quando foi até a rampa do Congresso Nacional para passar em revista a tropa dos Dragões da Independência e reverenciar com um aceno de cabeça a bandeira nacional, Fragelli achou que tudo fosse mais ou menos parecido com a época em que governou o velho Estado de Mato Grosso, em 1970.

Sentados

Vestido num bem-talhado terno escuro, ele se manteve tranquilo ao abrir os trabalhos, na mesa do plenário da Câmara, ao lado de Ulysses Guimarães e do presidente do Supremo Tribunal Federal, Moreira Alves, 51 anos, um professor de Direito Civil também pouco afeito a etiquetas. Mas foi na hora do coquetel no Salão Negro do Senado, por volta das 11h, que Fragelli e Ulysses revelaram desconhecer os detalhes do ceremonial. Eles chegaram em meio aos abraços dos amigos, com o invariável cumprimento de “muito sucesso na Nova República” e se sentaram no sofá.

Desconheciam que o ceremonial mandava que ficassem de pé, em frente a um óleo reproduzindo o “Generalíssimo Deodoro da Fonseca” assinando a Constituição de 1890, para receber os cumprimentos dos embaixadores, ministros de Estado, ministros de tribunais superiores e parlamentares. Quando chegou o primeiro da fila de cumprimentos, Senador Carlos Chiarelli (PFL-RS), Ulysses permaneceu sentado, com seu copo de guaraná na mão. Ao perceber que havia uma fila, escondeu o copo no chão, num cantinho próximo ao sofá. Com uma taça de suco de tomate na mão, Fragelli convidou para um brinde o Ministro Moreira Alves, segundo da fila, que, embaraçado, ouviu Chiarelli brincar: “É a primeira vez que vejo um brinde com suco de tomate”. “É a austeridade da Nova República, justificou-se Fragelli.

Chegando nesse momento, segurando uma pasta e um copo de vinho, o Deputado Fernando Santana (PMDB-BA) resolveu furar a fila para cumprimentar os presidentes do Senado e da Câmara. Atribuiu então ao líder do PMDB, Senador Humberto Lucena, que já tinha um copo na mão, a tarefa de segurar o seu. A essa altura, Fragelli não escondia sua preocupação com a ausência de sua mulher, Dona Lourdes, que vinha de avião de Mato Grosso do Sul. Ela chegou a tempo de ir para a cerimônia, porém veio vestindo um conjunto azul de calças compridas, o que a fez decidir ir direto para o gabinete do marido. De vestido de seda pura, a mulher de Ulysses Guimarães, Dona Ida — chamada pelo marido e por todos de Dona Mora —, permaneceu sozinha em seu lugar ao lado do marido e de Fragelli.

À primeira sessão do Legislativo no limiar do novo regime civil não faltaram as tradicionais fotografias na rampa do prédio do Congresso Nacional. Ulysses Guimarães e José Fragelli posaram sorrindo e apertando as mãos sob o brilhante sol característico de Brasília no verão, num cenário composto ainda pelas bandeiras do Brasil e de Rondônia. Intitulando-se “ciclista das diretas”, Jaimar Saravá, 20 anos, de Rondônia, aproximou-se dos dois parlamentares, na hora das fotografias, para desejar-lhes “uma boa República”.

Brasília — Foto de A. Dorgivan

que ajude Tancredo